

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A escravidão negra na visão de Gilberto Freyre<sup>1</sup>

Messias Araujo Cardozo.<sup>2</sup>

Doutorando em História (UFRGS).

messias.histsocial@gmail.com

### *A benignidade patriarcal e sua decadência*

No seu texto de mestrado *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, redigido nos anos 1920, Gilberto Freyre já enunciava um dos temas-chave e mais recorrentes em toda sua extensa obra: a escravidão negra. Frise-se que esse texto (escrito em tempos de jovem estudante) igualmente enunciava uma das principais polêmicas sobre a sua visão em relação ao escravismo. Essa polêmica em evidência seria a visão de uma escravidão doce, numa quase relação democrática. A escravidão negra existente na colônia – e no império – patriarcal teria sido não apenas positiva como também repleta de lances de benignidade.

Tal visão estava amparada principalmente nos relatos dos viajantes estrangeiros, que Freyre enfatizou ter sido um dos pioneiros no uso desses relatos para a reconstituição histórica do Brasil:

Voltou-se para alguns dos estrangeiros, que então visitaram o Brasil, como para os mais seguros de todos os observadores e críticos sociais do período – período de que quase sempre se têm ocupado os brasileiros, uns apenas para glorificar desaparecidos, outros para sumariamente condená-los. Raramente com justo ou equilibrado espírito de crítica e puro gosto ou afã de compreensão. Note-se que nos testemunhos de estrangeiros idôneos apoiou-se o autor para a sua visão do regímen de trabalho escravo como particularmente benigno, [...] (FREYRE, [1922] 2009, p. 23). Grifo nosso.

---

<sup>1</sup> O presente texto é uma parte adaptada do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado em história: CARDOZO, Messias Araujo. *Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: Escravidão, democracia racial e integração do negro no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2020. 158f. (Orientador: Dr. Marcus Baccega).

<sup>2</sup> Doutorando em História (UFRGS), Mestre em História (UFMA), e-mail: messias.histsocial@gmail.com.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Apoiado nesses relatos de viajantes – embora ressaltando que os mesmos nos seus relatos sobre o assunto tenham afirmado que tal benignidade era coisa atípica, e que no geral poderia não ter sido assim –, Freyre instituiu uma unidade discursiva, em que escravidão e benignidade (relações suaves) possuem uma singular identificação. Foram condições peculiares e especialíssimas sem dúvida, porém, Freyre as apontou como mais gerais e de forma mais abrangente, ou seja, como uma espécie de confirmação de uma constante histórica, e não tão somente casos excepcionais que fugiram à regra de uma escravidão amarga e não adocicada pelo mel do patriarcalismo.

Esse texto de Freyre de 1922 é importante não apenas por ser o germen de Casa-Grande & Senzala (publicado onze anos depois), ele é importante também porque enunciou uma visão da democracia racial, uma constante histórica brasileira para o autor já nesse trabalho, buscando instituí-la como visão historiográfica correta e defensável, já que é embasada em fontes, segundo ele, das mais idôneas.

Esse texto, como já se afirmou, é considerado um dos embriões dos estudos posteriores dos anos 1930. Freyre, nos vários prefácios e introduções à reedição do texto, propôs categoricamente que, em idade ainda “verde”, ele já esboçava nesse livro as ideias centrais sobre a sua indagação do que seria o Brasil. Tais ideias se inspiraram em um critério – inédito na história das ideias brasileira –, segundo o próprio Freyre “gestaltiano” de interpretação sociológica, que o levou a considerar a escravidão não apenas como fator econômico, mas, sobretudo, como uma relação entre pessoas, ou seja, enfatizando a pessoalidade do sistema, sua sensibilidade e até mesmo a positividade do escravismo.

Os escravos em geral, não se esfalfavam nos trabalhos domésticos. Era assim tanto nas casas-grandes dos engenhos e das fazendas como nos grandes sobrados igualmente patriarcais nas cidades. É verdade que, nos meados do século passado, a propaganda antiescravista britânica muito comentou o “cruel tratamento dos escravos” no Brasil. Mais tarde, esses sombrios comentários ingleses foram repetidos no Brasil por oradores brasileiros contrários ao cativeiro, entre eles Joaquin Nabuco e Rui Barbosa – homens inflamados pelo idealismo liberal e burguês de Wilberforce e, cada um deles, animado pelo desejo, de resto muito humano, de glória pessoal, ligada a uma causa humanitária (FREYRE, [1922] 2009, p. 79).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O trabalho não “esfalfava” os negros, e isso se repetia tanto no campo como na cidade. Nesse estudo sobre o Brasil do século XIX, Freyre argumentou que foi a propaganda antiescravista inglesa que engendrou essa representação de uma escravidão “cruel” (aspas do próprio Freyre). O antropólogo-sociólogo pernambucano apontou, ou antes, defendeu que tais comentários estariam interessados na abolição da escravatura e não condiziam com a real situação do negro escravizado no Brasil na época retratada.

Sendo que:

A linguagem empregada por tais oradores foi tão enfaticamente persuasiva que o brasileiro médio de hoje [1922] ainda acredita ter sido a escravidão no Brasil, toda ela, realmente cruel. Na verdade, a escravidão no Brasil agrário-patriarcal pouco teve de cruel. O escravo levava, nos meados do século XIX, vida de quase anjo, se compararmos sua sorte com a dos operários ingleses, ou mesmo com as dos operários do continente europeu, dos mesmos meados do século passado. Sua vida – tudo indica – era também bem menos penosa que a dos escravos nas minas da América espanhola e nas plantações, quando mais industriais do que patriarcais, da América inglesa e protestante (FREYRE, [1922] 2009, p. 79). Grifo nosso.

Freyre buscou na comparação histórica com outras condições análogas a ou de escravidão propriamente dita à confirmação para a ideia de uma escravidão benigna. A vida de quase anjos dos negros nos engenhos, nas casas-grandes, nas ruas, nos sobrados, na senzala era repleta de uma alegria celeste, tendo o patriarcalismo do senhor como base social de sustentação, diferente do escravismo “mais industrial” inglês, não patriarcal, por exemplo.

Mesmo que apresentado aos 22 anos de idade, não podemos tomar esse texto de um tom de “escrito de juventude”, como é comum em textos sobre autores em que os cortes epistemológicos (a maioria à revelia do autor e bem contestáveis) correlacionam textos/enxertos de “juventude” com as veleidades próprias da idade ainda “verde” e os textos de “maturidade”, em cuja bagagem científica já deixaria o autor inescusável de suas interpretações. Entretanto, Freyre reiterou em prefácios e introduções a outros textos que sua interpretação à época era pertinente, válida e, quando não, necessária frente a uma unidade discursiva “abolicionista”, ou repleta de retórica liberal-burguesa irrealista em termos de visão histórica que lhe precedia.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É interessante citar a sua descrição sobre a escravidão, em que se percebe – dentre outros aspectos – a reiteração de uma escravidão como fator familístico, suave, menos cruel ou algo que se pudesse reduzir ao pragmatismo econômico, ou à retórica inglesa “abolicionista”, como já aludido acima. “Crianças da família”, “patriarcalismo simpático”, e outras expressões são aventadas nessa descrição histórica:

Os trabalhadores dos grandes engenhos e das grandes fazendas patriarcais do Brasil dos meados do século XIX eram de ordinário bem alimentados e recebiam cuidados dos senhores como se fossem – depõe um observador estrangeiro – uma “grande família de crianças”. Tinham três refeições por dia e um pouco de aguardente de manhã. A primeira refeição constituída de farinha ou pirão, com frutas e aguardente. Ao meio-dia, faziam uma refeição muito substancial, de carne ou peixe. À noitinha, feijão-preto, arroz e verduras. [...] Ao pôr do sol, o apito do engenho encerra o trabalho do dia. Os trabalhadores faziam a sua última refeição e depois iam dormir. Mas não sem que antes pedissem muito filialmente a bênção ao seu senhor e à sua senhora: “Benção, Nhonhô! “Benção, Nhahã!” e a senhora diziam: “Deus te abençoe” e, ao mesmo tempo, faziam o sinal da cruz. O patriarcalismo brasileiro, agrário e cristão, na sua expressão mais simpática que não foi de modo algum, excepcional, caracterizou a convivência de senhores com escravos na maioria dos grandes engenhos e das grandes fazendas (FREYRE, [1922] 2009, p. 79, 81).

É como se o núcleo da relação senhor-escravo não fosse considerada como relação de estrita submissão. Freyre reiterou diversas vezes a violência do patriarcado, o senhor continuava senhor, porém de uma forma especialíssima e peculiar esses senhores eram pais piedosos, melhores que os contramestres austeros da Inglaterra oitocentista, ou dos espanhóis e *chapetones* das colônias hispânicas na América. O *nhonhô patriarca* e católico era bom, era pai, era autoritário de forma a castigar severamente, relevando e clarificando os extremos, todavia essa agressão era mais perto da forma como castigava aos filhos:

Havia extremos de sadismo, no manejo do chicote, por parte de brancos com relação a negros, de senhores com relação a escravos. Mas eram extremos semelhantes àqueles em que se desgarravam pais nos castigos a que submetiam os filhos, ou velhos, nas punições que patriarcalmente infligiam aos meninos (FREYRE, [1922] 2009, p. 94, 95).

Aqui surgia outra forma de agrupamento social privilegiada pelo discurso de Freyre: a família, no caso a *família extensa*, em que agregados, parentes distantes e os escravos são inclusos. É inserida em sua interpretação histórica, no sentido de dotar

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

essencialmente de uma caracterização familiar, as relações históricas entre brancos e negros. A escravidão morosa, assim como em geral foi para o autor vida doméstica no Brasil do tempo dos patriarcas agrários e católicos, foi revestida de uma bondade que seria interpretada como tipicamente familiar, como entre iguais e entre indivíduos e afetos em troca recíproca (?), ficando o senhor no topo do sistema. Mas o sistema em si não era algo como uma engrenagem mecânica, a do engenho era uma engrenagem de família, esta era extensa, inclusiva e doce para com os seus escravizados negros de casa.

É uma interpretação – contida nesse texto – certamente ainda não muito sistemática e restrita ao universo imperial brasileiro. Entretanto, ela se revela de fundamental importância na interpretação historicizante que aqui realizamos sobre o pensamento social freyreano em relação à escravidão negra. Ela é importante em ao menos três direções, conexas entre si, que são, dentre outras coisas, o que nós poderíamos chamar de substrato da unidade discursiva freyriana sobre o escravismo.

A primeira é que o patriarcado é uma instituição que para com a escravidão, e é visto como – paradoxalmente – um elemento de violência, excessos de sadismo e de fria morbidez, ao mesmo tempo em que é interpretado como o elemento suavizador nas relações entre brancos e negros. A família patriarcal amava seus negros como pessoas da família, como irmãos e irmãs, como gente da casa.

A segunda é justamente a questão da família extensa, isto é, a escravidão era coisa de família, coisa de casa, relação de afeto, que se fixou na convivência desde a infância, na iniciação sexual na puberdade, nas relações de amores da vida adulta.

A terceira é principalmente a questão da proximidade sexual. O sexo, com a sua interpenetração corporal, troca de fluidos e vetor do circuito dos afetos, agiu como poderoso elemento de justaposição racial, de indicador da razão da benignidade da escravidão negra processada historicamente no Brasil.

Para Freyre, a *escravidão não é condenada*. O historiador Freyre não visualizou a mesma como algo execrável em si. Como fenômeno histórico não seria novo, como instituição econômica e política nada teria também de original. A que existiu na colônia e império patriarcal foi adocicada de mel católico, de pessoalismo via sexo e de familismo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intermediado pelo resultado do intenso intercuro sexual da proximidade entre os extremos sociais, entre raças que, mediadas pela plasticidade dos colonizadores portugueses, teriam agido mais no sentido de encurtar distâncias sócio-raciais do que estancar em abismos entre brancos senhores e negros escravizados.

Nessa unidade discursiva, a escravidão, como fator de produção econômica, foi essencial para a empresa açucareira colonial e para o sistema social do ciclo do café pós-independência, sendo igualmente vital para a engrenagem do sistema casa-grande/senzala. A escravidão era dolorosa para o escravo, uma vez que lhe eram infligidos os trabalhos mais lúgubres e insalubres – como carregar os excrementos num balde [*tigres*] na cabeça<sup>3</sup> –, todavia, tudo isso para Freyre era algo condizente com a própria lógica intimista do sistema patriarcal.

A escravidão foi violenta, humilhante e degradante, sim. Mas era também ato necessário, isto é, era necessidade histórica que se singularizou pela suavidade tropical da civilização do açúcar, pela influência lusa plástica, pela caridade católica, pela forma de relação como um pacto entre pessoas *apenas* de cores diferentes, mais de onde a clarividente contradição se engendrou numa formação social “conciliatória entre contrários”. Brancos e negros foram, em vez de antípodas, irmãos de missa e membros da mesma família na sociedade escravocrata.

Entretanto, a de se ponderar que esse texto de 1922 é a raiz do verdadeiro grande texto freyreano. Como ele mesmo disse: “O que viria a realizar-se dez anos depois em língua portuguesa. No livro *Casa-grande & senzala*, seguido por vários outros sobre o assunto. Este foi o gérmen” (FREYRE, [1922] 2009, p. 48). Ou seja, para podermos ter uma visão mais ampliada da forma como Gilberto entendia a escravidão negra devemos

---

<sup>3</sup> “Essas imundícies eram colocadas em pipas ou barris, chamados de *tigres*, e carregadas às cabeças dos escravos, que os despejavam nos rios, nas praias e nos becos (matos)” (FREYRE, [1922] 2009, p. 111, 112). Em *Casa-grande & senzala* [1933], Gilberto Freyre retomou esse assunto sobre o trabalho “vil e imundo” (termos dele) praticado pelo negro: “Às vezes largavam o fundo [dos *tigres*], emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funções, essas e várias outras, quase tão vis, *desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal*” (FREYRE, [1933] 2006, p. 550). Itálico nosso.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cotejar os ensaios posteriores, em que pudemos desde já apontar a recorrência desse tema, dessa escravidão benigna, doce e tropical.<sup>4</sup>

É no seu *magnum opus* de 1933 que a análise freyriana, tanto sobre a escravidão como sobre o negro e as relações étnicas – no período colonial, sobretudo – na vida social, ganhou contornos mais abrangentes, todavia, o tema não aberta mais subjacentemente, da benignidade das relações senhor-escravo do patriarcado histórico, reapareceu, agora com uma força argumentativa bem mais densa do que no texto de mestrado analisado anteriormente. Trata-se de *Casa-grande & Senzala*,<sup>5</sup> sua introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil.

Uma distinção que consta no texto e é pertinente para nosso trabalho nesse ponto se faz necessária de imediato:

Deve-se porém, distinguir entre os escravos de trabalho agrícola e os do serviço doméstico – estes beneficiados por essa assistência moral e religiosa que muitas vezes faltava aos do eito. Na maior parte das casas-grandes sempre se fez questão de negros batizados, [...] houve senhoras de tal modo interessadas no bem-estar dos escravos que levavam aos próprios seios molequinhos, filhos de negras falecidas em consequência de parto, alimentando-os do seu leite de brancas finas; que nos engenhos e fazendas vários escravos chegaram a unir-se pelo casamento “vivendo assim em família, com certas regalias que os senhores lhes conferem” (FREYRE, [1933] 2006, p. 539).

A distinção entre escravos “de casa” (doméstico) e os “do eito” (das lavouras de cana-de-açúcar) é importante na análise sobre como Freyre interpretou a escravidão negra em dois sentidos. Já se enfatizou que ele privilegiou os primeiros sobre os segundos,<sup>6</sup> que os idealizou em demasia, enfatizando o caráter fraterno e familístico do escravo doméstico.

O primeiro sentido é que ele descolou a análise da escravidão de fator externo, de “fora”, impessoal, como que deslocado de processos vivenciados, para o âmbito interno,

---

<sup>4</sup> No intervalo entre 1922 e o texto de 1933, Gilberto escreveu alguns outros textos. Existem, entre outros, os artigos para a *Revista do Brasil* (1923-4), para o *Diário de Pernambuco* e texto organizado por ele: *Livro do Nordeste* (1925) como os principais. Além de poemas e cartas (FREYRE, [1922] 2009, p. 124, 125).

<sup>5</sup> “Publicado em dezembro de 1933 pelo poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, e reeditado em 1936 e 1938, o livro obteve enorme repercussão, comprovada por recensões e artigos publicados em jornais e revistas nacionais e estrangeiras” (FONSECA, 2002, p. 44).

<sup>6</sup> Na apresentação à edição utilizada neste trabalho, Fernando Henrique Cardoso, ao considerar *Casa...* como um “livro perene”, afirmou que Freyre deixou de lado no texto os escravos do eito, “a massa que mais penava nos campos” (CARDOSO, In: FREYRE, [1933] 2006, p. 22).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de casa. E isso permitiu ao autor perceber que, como fenômeno histórico, a escravidão aqui praticada não teria sido tão destrutiva para os negros, no sentido de despersonalizá-los, retirar-lhes a humanidade, violá-los a ponto de transformá-los em homens-máquinas exauridos em trabalhos penosos, fustigantes e insalubres.

O negro era irmão do branco, colaborador em cultura e em força social para que o sistema casa-grande/senzala tivesse, entre outras coisas, sua grande originalidade: a de ser uma engrenagem movida por pessoas em interação viva, em fluxo, e não peças impessoais a montar um organismo do tipo de uma interpretação mais pragmática “colônia de exploração”, que divide a formação social entre senhores brancos de engenho (donos de terras, de meios de produção e de homens) de um lado e escravizados negros, as “peças” da África (despossuídos, mercadorias e indivíduos sem direitos, apenas com deveres), do outro. *O patriarcado cimentou a escravidão doméstica de benignidade.*

O segundo sentido, é que os escravos domésticos não eram só trabalhadores, foram também senhores. Senhores da cozinha, é claro.<sup>7</sup> O escravo doméstico foi especialista,<sup>8</sup> músico, iniciador sexual, leva-pancadas quando garoto, ou seja, foi mais que homem-trabalho, servo, submisso ou algum sinônimo que, de certa forma, interpreta a escravidão apenas na auto-evidência do seu caráter quase vocabular de cativo, de trabalho forçado para se produzir riqueza: o ouro branco chamado açúcar.

Entretanto, há que se mencionar algumas considerações importantes. Primeiro, que a circunstância histórica para a viabilidade da empresa colonizadora lusa que, no primeiro momento concentrou-se apenas na extração vegetal – em virtude de não encontrarem de modo abundante e de imediato metais preciosos, tendo que se voltar primeiramente para a extração de madeira (o “pau-brasil”) –, levou Portugal para a plantação do açúcar, bastante rentável no mercado europeu no período. Para tanto, exigiu-se trabalho compulsório; o meio *exigiu* o escravo.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> “O escravo africano dominou a cozinha colonial, [...]” (FREYRE, [1933] 2006, p. 541).

<sup>8</sup> Era – segundo Freyre – extrema a especialização do trabalho escravo negro na cozinha das “pretalhonas e negros maricas” (FREYRE, [1933] 2006, p. 542).

<sup>9</sup> O historiador José Carlos Reis afirmou [em estudo sobre a obra de Freyre] especialmente sobre essa questão da exigência do escravo: “O meio e as circunstâncias exigiram o escravo [...]”. E complementa: “Teria sido mesmo um crime transplantar e escravizar o negro? Para alguns, ele [Freyre] responde, e inclusive Varnhagen, mencionado por ele, foi um erro enorme. Mas, e Freyre continua em defesa dos

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E essa exigência no discurso freyreano não pode manchar a civilização tropical criada pelo português:

Para a escravidão, saliente-se, mais uma vez que não necessitava o português de nenhum estímulo. Nenhum europeu mais predisposto ao regime de trabalho escravo do que ele. No caso brasileiro, porém, parece-nos injusto acusar o português de ter manchado, com instituição que hoje [1933] tanto nos repugna, sua obra grandiosa de colonização tropical. O meio e as circunstâncias exigiram o escravo (FREYRE, [1933] 2006, p. 322).

Segundo que, em sua interpretação, a força de trabalho indígena não foi eficiente como a dos negros (FREYRE, [1933] 2006, p. 45). A enxada não se firmou na mão do índio e sim na mão do negro. Quando comparou o indígena, essa “criança grande”, com os nativos que os espanhóis encontraram, Freyre afirmou que as tribos encontradas pelos portugueses eram as raças indígenas mais inferiores, com cultura “verde e incipiente”, sendo incapazes de se acomodarem às técnicas novas de produção em curso. Primitivos em cultura, foi sobretudo a mulher indígena a grande colaboradora dos lusos.

O indígena foi escravo primeiro, porém “quando este, por incapaz e molengo, mostrou não corresponder às necessidades da agricultura colonial [...]” (FREYRE, [1933] 2006, p. 322), foi logo substituído por um alicerce mais forte de força de trabalho, trazido do continente negro (África).

Base sólida do sistema, o trabalho escravo negro foi o elemento constante que teria até impedido possíveis perturbações da ordem com as minas (séc. XVIII) ou com o café (séc. XIX). Os negros de “mãos hábeis” foram a força motriz do sistema. Porém, mais que isso, foram a alegria que encheu a casa-grande, que nos espaços, nos corredores sociais entre a casa e a senzala, se revelaram em danças, em peripécias e em toda a sua forma quase orgástica, quando não dionisíaca, de viver, que contrastou com o índio “introvertido” e com o português austero, porém contemporizador em termos étnico-raciais.

---

colonizadores portugueses, ninguém nos disse até hoje que outro método de suprir as necessidades do trabalho poderia ter adotado o colonizador português no Brasil” (REIS, 2006, p. 56).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É notável que a temática da escravidão nesse texto tivesse na sexualidade uma grande ênfase.<sup>10</sup> Na vida sexual, o negro, apesar de mais fraco sexualmente (que o indígena, por exemplo, precisando de danças para a sua excitação sexual), era extrovertido, alegre, dionisíaco. Nesse sistema que se inicia em um ambiente de “quase” intoxicação sexual (FREYRE, [1933] 2006, p. 161), a escravidão, no tocante à sexualidade, tornou o negro imoral.

Nesse ponto uma afirmação do discurso freyreano se faz categórica: “Não há escravidão sem depravação sexual” (FREYRE, [1933] 2006, p. 399). O negro que sifilizou o Brasil colonial não foi o negro “em si”, mas o escravo, isto é, o escravizado africano nas condições sociais impostas pelo sistema patriarcal – que era degenerado nos termos da moral católica. A discriminação entre negro e escravo também foi fundamental no discurso freyreano, pois fora a escravidão que deformou e imoralizou o negro. Foi o sistema, e não meramente uma condição racial, que imoralizou o negro escravo.

Porém, com efeito, há que se ressaltar que:

Mas aceita, de modo geral, como deletéria a influência da escravidão doméstica sobre a moral e o caráter do brasileiro da casa-grande, devemos atender às circunstâncias especialíssimas que entre nós modificaram ou atenuaram os males do sistema. Desde logo salientamos a *doçura nas relações de senhores com escravos domésticos*, talvez maior no Brasil do que em qualquer outra parte da América (FREYRE, [1933] 2006, p. 435, *italico nosso*).

É como pessoa de família, no íntimo, que a escravidão e a sexualização nesse discurso ganharam uma forte e estreita relação.<sup>11</sup> No discurso freyreano, isso foi o que fez do negro mais que “peça” (coisa), uma pessoa; um indivíduo com nome cristão e

---

<sup>10</sup> Afinal: “Resultou daí grossa multidão de filhos [...] dentro do liberal patriarcalismo das casas-grandes [...]” (FREYRE, [1933] 2006, p. 531). Sexualidade e escravidão próximas dentro de um patriarcado que se era rígido e autoritário em outros pontos, nesse era liberal.

<sup>11</sup> Sobre a temática escravidão e sexualidade, fazendo uma leitura crítica sobre a escravidão negra no Brasil no que tange ao tema, criticando em grande parte ainda que não explícita mais implicitamente, Gilberto Freyre (embora não o cite) o historiador Jaime Pinsky afirmou que: “Por seu turno, para as escravas, uma relação com o patrão poderia reverter em vantagens dentro da sua condição. Sabe-se de violências sexuais atrozadas praticadas por senhores e feitores contra as negras escravas” (PINSKY, 2018, p. 64). E aponta ainda que: “De qualquer forma, os documentos registram numerosos testemunhos das incursões que os senhores faziam às suas senzalas, com ou sem o consentimento das sinhás, com ou sem a aprovação das escravas [...]” (PINSKY, 2018, p. 65). Para uma visão mais pormenorizada sobre o tema sexualização e escravidão no discurso freyreano, ver ainda: NOGUEIRA, Nadia Cristina. *Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre*. Dissertação de Mestrado em História: Campinas-SP, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2000. 159 f.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

batizado por padre, sujeito da casa.<sup>12</sup> O abuso sádico do senhor, o cheiro de sémen nas senzalas e a forte interpenetração no grande intercuro sexual são forças do sistema, não tendo um equivalente na consciência de raça, que, nesse discurso, senão de todo, foi considerada praticamente inexistente nas históricas relações que se teceram no período da escravidão negra sob a égide patriarcal.

A doçura era baseada no afeto, o brasileiro de “cor”, o escravo quase não existe em termos de produção. Sendo a base dela, ele é de família, de casa, de sala e, sobretudo, de cama ou de rede, ou pelos matos onde o deleite e a cópula revelam a intimidade, a proximidade e, literalmente, a junção de corpos, de afetos e de estratos sociais que, mesmo separados em termos jurídicos, afinal o negro era “propriedade” no sentido econômico<sup>13</sup>, ele era muito mais que isso, era um íntimo e, se fosse propriedade, Freyre o interpretou como um *tipo especial de propriedade* afetiva.

O negro era escravo também em termos de paixões, tanto que sinhazinhas mandavam cortar mamilos de escravas para que as mesmas não se tornassem mais tão atraentes, e os senhores, por sua vez, mandavam a ferros negros mais afoitos pegos em flertes ou coitos com suas filhas ou esposas.

A negra “abria as pernas” não a pedido, mas à ordem (FREYRE, [1933] 2006, p. 456), era a iniciadora, a fuxiqueira/enredeira e amante. O sexo era a parte fundamental para a miscigenada sociedade se reproduzir, para que se desenvolvesse e se mantivesse. A proximidade era tal que, até para os detalhes mais “íntimos” da toailete, o negro foi usado (FREYRE, [1933] 2006, p. 517). A sexualidade e a escravidão eram, a um só termo, processos conexos e estreitamente – para não dizer intrinsecamente – associados no discurso freyreano.

A proximidade foi até o extremo do negro “ficar” com duas mãos direitas e o branco com duas esquerdas (FREYRE, [1933] 2006, p. 518). A aproximação da convivência familiar ficava bem distante de uma visão tradicional de cativo. Nesse discurso, os negros são escravos, mas a escravidão negra não teria sido como a escravidão

---

<sup>12</sup> “Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas de casa” (FREYRE, [1933] 2006, p. 435).

<sup>13</sup> Tanto o era que Freyre apontou que a mortalidade infantil negra importava muito em termos econômicos, pesando na balança dos senhores da casa-grande como perda de capital (FREYRE, [1933] 2006, p. 446).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pensada em termos de cativo, ferros, açoites nos *negros como a noite*.<sup>14</sup> A aristocracia patriarcal brasileira do açúcar não foi – apesar dos paralelos com a da região do *Deep South*<sup>15</sup> – como a aristocracia latifundiária austera e distante estadunidense, que teria se encastelado na casa senhorial. Foi de quase mera formalidade a separação casa-grande/senzala, tamanha era a forma de aproximação das alcovas.

Era familiar a relação, era próxima sexualmente, era quase justaposta, era de todo lugar um regime geral de relação benigna:

No dia da notada – primeiro dia da moagem das canas – nunca faltava o padre para benzer o engenho; o trabalho iniciava-se sob a benção da Igreja. O sacerdote primeiro dizia a missa; depois dirigiam-se todos para o engenho, os brancos debaixo de chapéus de sol, lentos, solenes, senhoras gordas, de mantilha. Os negros contentes, já pensando em seus batuques à noite. Os moleques dando vivas e soltando foguetes. O padre traçava cruces no ar com o hissope, aspergia as moendas com água benta – muitos escravos fazendo questão de ser também salpicados pela água sagrada (FREYRE, [1933] 2006, p. 523, 524).

A aristocracia latifundiária escravagista do açúcar era – sobretudo do que hoje é o Nordeste –, juntamente com os escravos negros – sob a benção católica –, uma só face da forma social que foi aqui desenvolvida. Processou-se uma alegria, uma harmoniosa relação racial dentro do escravismo brasileiro, com os negros a dançar e a trabalhar.

Nos engenhos, tanto nas plantações como dentro de casa, nos tanques de bater roupa, nas cozinhas, lavando roupa, enxugando prato, fazendo doce, pilando café; nas cidades, carregando sacos de açúcar, pianos, sofás de jacarandá de ioiôs brancos – os negros trabalharam sempre cantando: seus cantos de trabalho, tanto os de xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira (FREYRE, [1933] 2006, p. 551).

É como se no sistema social o universo do afeto cotidiano do escravismo fosse mais importante que a constatação de sua subalternidade étnica, política e econômica. Família extensa e religião católica foram às instituições sociais reguladoras dessa

---

<sup>14</sup> Parafraseamos aqui o poema “*O navio negreiro (Tragédia no mar)*” de Castro Alves (1847-1871). “Tinir de ferros... estalar de açoite... Legiões de homens negros como a noite... Horrendos a dançar” (ALVES, 2007, p. 98). [Original: 1883, edição póstuma].

<sup>15</sup> “Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo que no Norte do Brasil e em certos trechos do sul [...]. O regime econômico de produção – o da escravidão e da monocultura – dominando a diversidade de clima, de raça, de moral religiosa, criou no sul dos Estados Unidos um tipo aristocrata mórbido, franzino, quase igual ao do Brasil nas maneiras, nos vícios, nos gostos e no próprio físico. Os ingredientes diversos; mas a mesma forma” (FREYRE, [1933] 2006, p. 30 e 519).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dinâmica social histórica que, no discurso de Freyre, por meio da obra em questão, estão como que equivalentes a forças que suavizaram relações escravistas mais propriamente perversas, típicas de relações de dominador/dominado.

O eixo norteador que unifica essas duas instituições, família extensa e igreja católica, respectivamente, foi o patriarcalismo. As relações escravistas, dentro desse sistema, são interpretadas como benignas quando comparadas a outras formas de escravismo. O regime brasileiro patriarcal foi bom para os escravos negros, inseriu-os na família, visualizou-os como pessoas, como membros e não instrumentos.

Nessa interpretação, o “escravismo” se torna quase meramente dado histórico para servir de tipologia ou categoria analítica. Mera distinção de análise, quase irrelevância frente à complexidade desse sistema e sua roupagem mais humana e patriarcalista.

O patriarcalismo amparou os escravos, tanto que quando da ruptura da ordem escravista – em 1888, que Freyre chegou a se referir como *decâble* de 88 – houve uma piora nas condições sociais para os negros ex-escravos.<sup>16</sup> É justamente a ruptura – ou o início da mesma – no século XIX, com o início do processo de independência (1822) e do período Imperial, ou para usar a terminologia freyreana da “decadência do patriarcado”, que modificou, segundo sua óptica, a relação senhor-escravo, as estáveis, patriarcais e cristãs formas de escravismo aqui praticadas no sistema casa-grande/senzala. Era o início dos *sobrados e mucambos*...

## Conclusão

O mundo que a escravidão patriarcal criou, para Gilberto, foi uma forma de civilização que, dentro das possibilidades e dos aspectos próprios do escravismo como o cativo, os maus-tratos e as torturas, tornou-se uma maneira de vida coletiva, em que a harmonia social entre senhores e escravos teria sido a regra e não a exceção histórica.

---

<sup>16</sup> “De modo que da antiga ordem econômica persiste a parte pior do ponto de vista do bem-estar geral e das classes trabalhadoras – desfeito em 88 [1888] o patriarcalismo que até então amparou os escravos, alimentou-os com certa largueza, socorreu-os na velhice e na doença, proporcionou-lhes aos filhos oportunidades de acesso social” (FREYRE, [1933] 2006, p. 51). Como já apontamos na presente dissertação, essa recorrência temática da escravidão benigna também se ampara na ideia de assistencialismo ao escravo, já esboçada no texto freyreano anterior de 1922: “As santas-casas, as misericórdias, as casas de caridade não tinham sectarismo nenhum: suas portas estavam abertas para todos. Nelas se exprimia o melhor de um sistema social, que sendo patriarcal era também cristão” (FREYRE, [1922] 2009, p. 109).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse ponto, a visão de um escravismo benigno tem na realidade histórica uma instituição discursiva que pode ser lida como uma construção que, nos anos 1930, contribuiu para dar forma a uma narrativa sobre o Brasil, buscando-se representar a sociedade brasileira como historicamente “avessa” a conflitos e harmônica, apesar da hierarquia do engenho.

Baseado, como demonstramos, na antropologia cultural norte-americana, o autor interpretou o fenômeno da escravidão buscando ressaltar sua positividade. A forma de análise baseada em fontes, como os relatos de viajantes estrangeiros “dos mais idôneos”, fez o autor entender a escravidão negra brasileira, principalmente a doméstica dos engenhos, menos como “fator de produção” e mais como “amálgama cultural”.

A sexualidade e a miscigenação racial da casa-grande, penetrando e sendo penetrada pela senzala, agiram como os verdadeiros “corretivos entre os extremos” que, para Freyre, teriam se mantido quase incomunicáveis sem esse intenso intercuro sexual entre os senhores e suas moças. O histórico patriarcalismo<sup>17</sup> foi menos violência e mais mistura, uma realidade que Freyre identificou como singularidade da nossa história nacional.

## Referências

ALVES, Castro. *Os Escravos*. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2007. [1883]

CARDOSO, Fernando Henrique. “Um livro perene”. Apresentação à obra. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 19-28.

CARDOZO, Messias Araujo. *Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: Escravidão, democracia racial e integração do negro no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2020. 154 f.

FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de A a Z: Referências essenciais à sua vida e obra*. Ed. Rio de Janeiro: FBN/Zé Mário Editor, 2002.

---

<sup>17</sup> É importante notar aqui, segundo Jessé Souza que: “Patriarcalismo, para ele [Freyre], tem a ver com o fato de que não existem limites à autoridade pessoal do senhor de terras e escravos” (SOUZA, 2017, p. 51).

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

FREYRE, Gilberto. *Vida social do Brasil nos meados do século XIX*. 4. ed. São Paulo: Global, 2009. [1922]

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. [1933]

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004. [1936]

NOGUEIRA, Nadia Cristina. *Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2000. 159 f.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017.